



A IGREJA NO PENSAMENTO DO CARDEAL RATZINGER: UMA PROPOSTA PARA A ECLESIOLOGIA

Alessandro Tavares Alves^º
Eduardo Almeida da Rocha^º

RESUMO

A eclesiologia do cardeal Ratzinger traz uma importante colaboração para o pensamento moderno e para o conhecimento da Igreja como povo de Deus. O cardeal expõe seu pensamento no objetivo de evidenciar o conceito de Igreja e sua atuação no mundo atento à questão do que Ela é e deve ser no mundo de hoje e ainda como dialogar, na atualidade, em um mundo de rápidas transformações e de relativismo. O seu pensamento colabora para uma compreensão mais sólida da postura da Igreja no que concerne a si mesma, a sua relação e sua atuação, enquanto aquela que orienta o homem nos caminhos do mundo.

Palavras-chave: Eclesiologia. Igreja. Mudanças. Relação.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende contemplar três pontos da eclesiologia ratzingeriana. O primeiro tratará sobre o significado de Igreja, o seu conceito e suas implicações, tendo o objetivo de compreender em que ela consiste, qual sua origem e finalidade, para que assim se entenda a forma como ela é, a partir de dentro.

O segundo ponto aborda a forma com a qual a Igreja deve estar presente no mundo, qual a sua atuação no tempo e no espaço em meio à pluralidade, à mudança de época, buscando resposta com uma incrível avidez, a partir do conhecimento de si mesma e da realidade que a envolve, no intuito de se firmar cada vez mais na sua identidade e missão.

O terceiro abordará a Igreja na perspectiva das três encíclicas do pontificado de Bento XVI: *Deus Caritas est* (2005); *Spe Salvi* (2007) e *Caritas in Veritate* (2009), entendendo assim como foi enfrentada a questão eclesiológica durante o magistério que durou de 2005 a 2013, nestes três documentos pontifícios promulgados.

^º Graduado em Filosofia e Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: alessandrotavares03@hotmail.com

^º Mestre em Direito Canônico pela Pontificia Università S. Tommaso D'Aquino (ROMA). Presbítero da Arquidiocese de Juiz de Fora e Docente do CES/JF. E-mail: eduardorochoa@pucminas.cesjf.br

O itinerário traçado, portanto, visa responder à seguinte questão: o que a Igreja é e deve ser no mundo de hoje? No intuito de clarificar sua identidade e missão, sob a perspectiva de Joseph Ratzinger, que esteve imerso nessa problemática enquanto cardeal prefeito da doutrina da fé e como sucessor de Pedro nos oito anos de pontificado.

SOBRE O SIGNIFICADO DA IGREJA E NO QUE ELA CONSISTE

Este artigo não se propõe a uma cronologia, mas não lhe escapa por completo, pois para entender sobre o que é a Igreja, é necessário remontar ao evangelho. Pois é ali que encontramos a origem e a natureza da Igreja, conteúdo em que o cardeal inicia seu estudo. Faz-se necessário pensar duas fundamentais vertentes que culminam no mesmo ponto, que é a definição de Igreja que são: pensar a Igreja em relação a Jesus e a mesma com relação ao apóstolo Paulo, em que aparece a definição de Igreja como corpo místico de Cristo.

A primeira vertente, base da segunda, refere-se à relação de Jesus com a Igreja. É preciso admitir aquilo que o Senhor anunciava, ou seja, sua mensagem, não era imediatamente a Igreja, mas sim, com efeito, o Reino de Deus. Daí pode-se entender o que sempre foi afirmado no sentido de que Jesus anunciava o Reino e o que veio foi a Igreja.

Uma leitura próxima dos evangelhos faz entender que essa afirmação não corresponde à realidade, como nos esclarece o cardeal

Entretanto, uma leitura desses textos (evangelhos) sob o ponto de vista histórico nos mostra que esta contraposição entre Reino e Igreja não corresponde à realidade, pois, segundo a concepção judaica, a atividade de reunir e purificar os homens para o Reino faz parte do Reino de Deus (RATZINGER, 2006, p. 13).

Com efeito, Jesus plenamente não se compreende como indivíduo isolado, sempre aponta para a comunidade, o Reino, no qual Ele é o centro, mas jamais sozinho. Ele veio para reunir aqueles que estavam separados (cf. Mt 12,30). Nisto concentra a sua missão, reunir o povo novo e formar o novo povo.

Ao organizar o grupo dos doze, Ele se apresenta como patriarca de um novo povo, o novo Israel que esse grupo deveria ser. Esse acontecimento carrega consigo grande simbolismo, evidenciando que o Senhor quer estabelecer nova comunidade, que crescerá em sua companhia apontando, com efeito, o prelúdio de uma nova comunidade.

Porquanto, aparecem aqui elementos de fundamental significação para a compreensão futura da Igreja: a intrínseca dinâmica do tornar-se Um, da aproximação



recíproca através do encontro com Deus, configurando para Jesus, o novo povo de Deus. Acrescenta-se a isso o ponto de união desse povo que é Jesus Cristo. Esse povo só se legitimará enquanto tal, na adesão à sua Pessoa.

Aparece outra evidência que já assinala a união do povo a Jesus Cristo quando pedem “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11,1). Esse pedido, feito após a formação dos setenta e dois, pelos próprios discípulos, aponta para uma busca de unidade, querem uma oração comum, sinalizando assim um anseio de se constituir uma nova comunidade que deriva de Jesus. Eles, como célula inicial da Igreja, evidenciam, concomitantemente, que a Igreja é uma comunidade que solidifica seus vínculos pela oração.

A Eucaristia é uma grande expressão nesse sentido, ou ainda, a expressão por antonomásia, pois “ela é conclusão de uma aliança e como aliança é a fundação concreta de um novo povo, que se torna povo por sua relação de aliança com Deus” (RATZINGER, 2006, p. 16). O encontro com os discípulos é já o anúncio de uma organização que se estabelece ali pelo sacrifício, doação e o serviço, que são elementos nucleares de uma plena comunidade eucarística.

Assim,

Cristo instituiu uma Igreja, isto é, uma nova e visível comunidade de salvação. Ele a quer como um novo Israel e como um novo povo de Deus, que considera a celebração da ceia como o seu ponto mais alto. Em outras palavras: o novo povo de Deus é efetivamente um povo, em virtude do corpo de Cristo (RATZINGER, 1974, p. 80).

A Igreja, tendo sua origem na Eucaristia, possui um caráter unitivo muito profundo. Esse povo oriundo daí tem um único Senhor e, com efeito, um corpo único, do qual conseqüentemente, resulta a unicidade da Igreja e também sua unidade.

A segunda vertente que foi anunciada anteriormente trata do conceito de Igreja segundo São Paulo. Com ele, a Igreja passa a ser denominada corpo de Cristo. É já sabido, que todos os aspectos que envolvem a Igreja possuem um caráter cristológico. Assim sendo, Paulo nada cria de novidade ao chamar a Igreja de corpo de Cristo, apenas explicita de forma mais contundente aquilo em que consiste o surgimento dela mesma.

O pensamento de Paulo está radicado na Sagrada Escritura e na tradição e encontram-se três origens deste pensamento: a primeira de caráter basilar é a concepção semítica da chamada personalidade corporativa, ou seja, “que se expressa, por exemplo, na ideia de que todos nós somos Adão, isto é, um só homem, ainda que em grande escala” (RATZINGER, 2006, p. 20).

Essa concepção é fundamental, pois o que torna absoluto o eu, dissolve a ideia semítica, apenas se compreender o eu que se forma a partir do tu é que será possível então entender a ideia de corpo de Cristo, ao qual todos se unem.

A segunda origem vincula-se na Eucaristia. Jesus mesmo se afirma e o apóstolo chama a atenção para isso: o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão com o sangue do Senhor? E o pão que partimos não é a comunhão com o corpo de Cristo? Justamente, porque há um só pão, nós embora muitos, formamos um só corpo porque participamos desse único pão (cf. 1Cor 10, 16-17), eis, com efeito, o verdadeiro fundamento. Entende-se, contudo, que a Eucaristia é o ápice para esse fundamento.

Ela traz em si a ressurreição, que é o substrato de tudo, por isso devemos entrar em comunhão com Ele. Nessa perspectiva o cardeal colabora

a comunhão significa, portanto, uma fusão de duas existências; da mesma forma que, ao se alimentar, o corpo assimila matéria estranha que lhe permite viver, assim também meu eu se “assimila” ao eu de Jesus, faz-se semelhante a Ele, num intercâmbio que rompe cada vez mais as linhas divisórias. O mesmo acontece com todos aqueles que comungam; todos eles assimilam esse “pão” e tornam entre si um só corpo. Desta forma, a comunhão constrói a Igreja, abrindo as muralhas da subjetividade e congregando-as em uma comunidade existencial profunda. A comunhão é o processo da “congregação” no qual o Senhor nos aproxima uns dos outros (RATZINGER, 2006, p. 21).

A compreensão da Igreja como corpo de Cristo indica a Eucaristia como fonte perene, lugar onde sempre de novo Ele a estabelece, solidificando suas estruturas radicadas em Jesus mesmo, que se torna Eucaristia. Nesse ínterim Joseph Ratzinger (2006, p.21), considera que “é na eucaristia que a Igreja se torna ela própria em sua forma mais densa em todos os lugares e, no entanto, apenas uma, como Ele próprio é apenas um”.

O corpo de Cristo formado por diversos membros, sob uma só cabeça, dá à Igreja sua identidade católica. A multiplicidade de dons sugere a multiplicidade de culturas que se entendem e reclamam mutuamente. Neste aspecto, a Igreja já é católica, já é universal, desde o seu nascimento, sua origem.

A terceira origem se liga à ideia dos esposais, fundada no relato da criação, no qual o homem deixa pai e mãe e se une à mulher, para formar uma só carne (cf. Gn 2, 4). Está explícita aí uma teologia eucarística. Uma só carne, uma única existência e tudo isso se funda no amor.

A ideia dos esposos reforça a Igreja como corpo de Cristo. Ela é o corpo de Cristo à medida que a mulher é o corpo do marido. O contrário é válido na mesma medida, sempre



tendo o amor como justificativa. Esse amor de caráter unitivo torna a Igreja sempre mais aquilo que ela é e deve ser resguardando assim de sua autossuficiência.

Ratzinger (2006, p. 22), em sintonia, afirma que “a Igreja se transforma simplesmente em Cristo, continua a ser serva que Ele, em seu amor, eleva à condição de esposa, e que busca o seu rosto neste final dos tempos”. Toda a identidade da Igreja justifica-se unicamente neste relacionamento, no seu aspecto puramente cristológico.

Essas duas vertentes são importantes para a compreensão da natureza da Igreja. Ela é constantemente o corpo de Cristo e perenemente se renova pela Eucaristia. Ela se apresenta como *ecclesia*, com isso ela quer significar “eis que em nós se cumpriu este pedido de Cristo, morto e ressuscitado, é o Sinai vivo; os que se aproximam dele constituem a assembleia, escolhida e definitiva do povo de Deus” (RATZINGER, 2006, p. 18).

Joseph Ratzinger (2006, p. 24) afirma, contudo, que a “prioridade cronológica e ontológica está da parte da Igreja que não fosse católica não seria nem absolutamente Igreja”. A Igreja é sinal de fé, povo de Deus em virtude do corpo de Cristo no seu sentido pleno.

Essa concepção de Igreja, na perspectiva ratzingeriana, fundada na Sagrada Escritura, possibilita uma visão de conjunto. A partir daí é possível entender como a Igreja está presente no mundo e como se relaciona com ele nas suas exigências.

SOBRE O QUE A IGREJA DEVE SER NO MUNDO

Após a compreensão do que é a Igreja e sua consciência, apraz pensar sobre sua postura no mundo, como ser ela mesma num tempo de rápidas transformações, como enfrentar as exigências impostas a ela. Essas postulações são apontadas no pontificado de Bento XVI, que mais tarde será trabalhada a partir da trilogia de suas encíclicas.

Com efeito, pensar a Igreja diante do pêndulo da história é algo que desafia, mas, ao mesmo tempo sugere um caminho. Antes de tudo é necessário entender objetivamente o que ela é no mundo. Este é o objetivo aqui, responder como a Igreja deve ser no mundo.

Vale a pena citar aqui a longa interrogação de Joseph Ratzinger sobre a Igreja e discorrer a partir daí

Não é a Igreja simplesmente a continuação dessa atitude de Deus que se mistura com a miserabilidade humana? Não é ela a continuação da comensalidade de Jesus

com os pecadores? Misturando-se à aflição do pecado a ponto de parecer sucumbir nele? Não se revela na santidade imperfeita da Igreja diante das expectativas de pureza a verdadeira santidade de Deus, que é amor, um amor que não se mantém na distância aristocrática do puro intocável, mas que se mistura à sujeira do mundo para superá-la? Nessa perspectiva caberia à santidade da Igreja ser outra coisa que não sustentáculo mútuo que se deve ao fato de todos serem suportados, afinal, por Cristo? Confesso que, para mim, essa santidade imperfeita da Igreja é um consolo infinito (RATZINGER, 2005, p. 252).

Já se começa a delinear o pensamento do cardeal sobre o que deve ser a Igreja. É algo de sagrada significação, que conta com a cooperação humana e com tudo aquilo que lhe é próprio, mas isso não tira dela a dignidade, antes a reforça e a estabelece. É a realidade divina que está imersa na realidade humana para santificá-la. A Igreja é no mundo sacramento, isto é, sinal de Deus para a salvação humana e por isso deve sempre ter essa mentalidade resguardada. Ela está no mundo, mas não é do mundo.

Ela não é uma realidade construída simplesmente por esforços humanos, não é produto de uma razão amadurecida, mas fundada pelo próprio Senhor que quis formar um povo, sempre radicado na Sua presença. Enquanto sinal de Deus, ela precisa se manter coerente a Ele, preservando-se de toda corrupção que impede que ela seja plenamente aquilo que deve ser.

Para os que insistem na incompleta visão de que a Igreja é construída por esforços humanos, a Igreja tornou-se um obstáculo para a fé, quando deveria ser sua principal divulgadora. O cardeal nessa linha de raciocínio coopera afirmando que

Uma Igreja que se baseia nas decisões da maioria, torna-se uma Igreja meramente humana. Reduz-se ao nível do factível, do plausível, do que é fruto de meras opiniões. [...] uma Igreja que se faz a si mesma tem o sabor do “si mesmo” que desagrade a outros “si mesmos” e bem cedo revela sua insignificância. Reduz-se ao domínio do empírico com uma Igreja assim ninguém pode mais sonhar (RATZINGER, 2006, p. 78).

A Igreja é sacramento, sinal, aquela que aponta para uma realidade infinitamente superior a si mesma. Ela é reflexo, não de si mesma, mas de Deus. Ela é ponte da fé, uma janela, não obstáculo. Oferece ao mundo a capacidade de se manter dentro de um horizonte que é grande e possibilita o homem superar-se em vista dessa meta definitiva.

Assim, ela não existe para ocupar o homem, como qualquer outra instituição radicada na técnica e no pragmatismo, nem para manter-se intacta, mas sim para levar o homem para além de si mesmo. “A Igreja não é uma comunidade daqueles que não precisam de médicos (Mc 2, 17), mas comunidade de pecadores convertidos que vivem da graça e a comunicam aos outros (RATZINGER, 2006, p. 83).



Ela não se esgota no todo dos fiéis, mas sendo corpo de Cristo vai além e isso possibilita ao cardeal afirmar: “nas estruturas humanas a Igreja é *semper reformanda*” (RATZINGER, 1985, p. 33). E, isso, é, neste aspecto, um imperativo necessário, para que a Igreja se faça entender no mundo, e, em consequência a mensagem do evangelho.

Ela se abre ao mundo por vocação e não por condição. Está na sua natureza essa necessidade, enquanto expressão do Senhor e de seus ensinamentos. A Igreja supera as divisões entre os homens, não se limita a elas, pois não é oriunda de sua vontade.

Entende-se facilmente que não é o homem que faz a Igreja, sendo que ela nasce da fé e não de uma opinião. Não é fruto de inconstância, nem de mazelas humanas.

Nesse sentido

A Igreja, portanto não é um clube, não é um partido, nem um estado religioso dentro do Estado terrestre, mas um corpo, o corpo de Cristo. E por isto a Igreja não é feita por nós; é construída pelo próprio Cristo, ao purificar-nos pela Palavra e pelo sacramento, fazendo de nós os seus membros (RATZINGER, 2006, p.91).

Verifica-se aqui uma questão de grande importância, quanto mais for o homem que fizer a Igreja mais inabitável ela se torna, pois cada um, na singularidade de seu pensamento quer impor sua maneira própria. Contudo, a Igreja de Cristo não é uma associação ou um partido político, movida por ideologias, que por vezes suplantam a ética cristã.

A Igreja quanto mais próxima do Senhor, mais se torna ela mesma em sua natureza e em sua missão, porquanto Joseph Ratzinger afirma

Não precisamos de uma Igreja mais humana; precisamos de uma Igreja mais divina, que será então realmente humana. É por isto que tudo o que é feito pelo homem dentro da Igreja deve ser visto em seu caráter de puro serviço, subordinado ao essencial (RATZINGER, 2006, p. 81).

Por conseguinte, torna-se clara a postura de Ratzinger quanto ao que a Igreja deve ser no mundo, como também aquilo que ela não deve ser. O cardeal delineia aquilo que é marcante na sua eclesiologia, ressaltando a constante necessidade de uma visão integral para que haja uma análise mais aprofundada e na mesma proporção.

Com efeito, após pensar o que a Igreja é e como deve ser no mundo, apraz pensar à medida de conclusão, como Bento XVI a pensou durante os seus oito anos de pontificado, a partir das três encíclicas do seu magistério.

SOBRE A RELAÇÃO DA IGREJA COM O MUNDO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE TRÊS ENCÍCLICAS

Bento XVI se manteve oito anos a frente da Igreja e nesse período escreveu três encíclicas: *Deus caritas est* (2005), *Spe Salvi* (2007) e *Caritas in Veritate* (2009). Uma leitura destas três encíclicas permite pensar a presença da Igreja no mundo e, sobretudo, como ela deve se relacionar com ele sem perder sua essência e ainda dialogar com as estruturas a fim de propor uma sociedade nova para todo homem e o homem todo.

DEUS CARITAS EST: A IGREJA COMO COMUNIDADE DE AMOR

Bento XVI traçou o programa de seu magistério tendo como primeira palavra o amor. A Igreja vê-se chamada novamente por aquilo que ela é de fato é e sempre foi ‘comunidade de amor’. O pontífice aborda o serviço que a Igreja presta ao mundo na sua relação com ele.

Ela, enquanto comunidade radicada no amor deve ter o mesmo como princípio e sua atividade não pode ser outra. “A consciência de tal deve ter relevância constitutiva na Igreja desde os seus inícios” (BENTO, PAPA, XVI, 2005, p. 37). Essa é uma relevância um tanto quanto natural para a Igreja que é radicada no evangelho de nosso Senhor.

A Igreja, para que de fato faça a diferença na vida dos seres humanos, precisa imiscuir-se nelas. Entrar no convívio para que assim compreenda as perguntas e então busque oferecer respostas à luz da fé. Com efeito, é preciso ter claro o que o papa entende por caridade: “para a Igreja, a caridade, não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia deixar mesmo aos outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável de sua própria essência” (BENTO, PAPA, XVI, 2005, p. 42).

É uma exigência para a Igreja, enquanto família humana, não permitir que nenhum dos seus membros tenha uma vida que não seja digna de sua própria vocação. É preciso discernir que não é uma mera ação política, mas extensão de sua missão no mundo. A Igreja precisa oferecer cada vez mais a caridade que lhe é própria.

É sabido que embora a justa economia e a honesta política são bens necessários para o crescimento da sociedade, estas não são tarefas primárias da Igreja, visto que sua competência está atrelada nas mãos do Estado, mas a Igreja não está alheia a esses fatores empenhando-se pela realização do bem (cf. Ratzinger, 2005).



A sociedade possui estruturas que a organizam e a gerem em seu crescimento e “a Igreja é uma dessas forças vivas: nela pulsa a dinâmica do amor suscitado pelo Espírito de Cristo” (RATZINGER, 2005, p. 51). Esse amor transmitido por ela não sacia apenas materialmente, mas vai além, atinge seu coração e o sustenta de verdade.

Com essa atitude, a Igreja compreende que o homem não precisa apenas de pão, mas também de amor que o ajuda e colabora para a sua humanidade, compreende que tudo que se refere ao homem a toca por inteiro. Com efeito,

A Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade enquanto atividade organizada dos crentes, como aliás, nunca haverá uma situação em que não seja necessária a caridade de cada um dos indivíduos cristãos, porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor (BENTO, PAPA, XVI, 2005, p. 53).

O pontífice, com esta encíclica, surpreendeu o mundo falando de amor, novamente lembrando à Igreja e a seus membros a sua autêntica vocação, fundada em Deus que é amor. Ela deve repropor isso ao homem de hoje para que a sociedade e os povos cresçam na sua completude.

SPE SALVI: A IGREJA RECOLOCA A QUESTÃO DE DEUS

A segunda encíclica de Bento XVI é sobre a esperança cristã. Ela apresenta também aspectos eclesiológicos que ganha significação neste contexto. O pontífice não aponta diretamente aquilo que a Igreja deve ser no dinamismo das sociedades e dos povos, mas a coloca, como referência de busca para auxiliar a pessoa humana.

Bento XVI coloca a Igreja como grande teóloga, a grande mãe que deve educar seus filhos, recolocando a questão de Deus como fundamento da esperança. Essa singularidade marca a Igreja, sobretudo em um aspecto que lhe é muito próprio, que é o diálogo com outras estruturas e instituições e também outras ideologias. O magistério é apresentado em perspectiva dialógica.

É necessário resgatar a transcendência do homem, dizer-lhe que é capaz de superar seus limites visíveis, ir além de si mesmo. Supera com isso a visão mecanicista do humano que o reduz e o empobrece, e, com efeito, cabe à Igreja dizer isso ao mundo

Não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo, as

leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor, uma Pessoa. E se conhecemos esta Pessoa e ela nos conhece, então verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixamos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres. Tal consciência impeliu na antiguidade, ânimos sinceros a indagar. O céu não está vazio. A vida não é um simples produto das leis e da causalidade da matéria, mas em tudo e, contemporaneamente, acima de tudo há uma vontade pessoal, há um Espírito que em Jesus se revelou como amor (BENTO, PAPA, XVI, 2007, p. 11).

A Igreja enquanto comunidade de crentes que tem esperança em Deus tem reafirmada sua estrutura sacramental, pois ela é sacramento da salvação. Nessa dinâmica incentiva o homem, pelo seu próprio pensamento, a superar os limites da temporalidade e a lançar-se, como ser possível de participar da vida divina, superando as ideologias que possuem uma visão reduzida do homem, tolhendo assim, todo tipo de confiança no futuro e em Deus mesmo.

Bento XVI, com esta encíclica ao repropor ao homem a questão de Deus, reestabelece ao homem seu verdadeiro sentido. Com isso a Igreja se caracteriza como aquela que sabe reconhecer solidamente os profundos e autênticos desejos do coração humano, que possui como tarefa, fazer com que cada vez mais o homem se humanize, com a capacidade que está vinculada em Deus mesmo e que colabora com toda família humana radicada no amor. Como o pontífice propôs em sua primeira encíclica, a Igreja deve propor a esperança, como ponto mais seguro para o homem.

CARITAS IN VERITATE: A IGREJA ILUMINADORA DO DESENVOLVIMENTO

Caritas in Veritate, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, o papa a escreveu em comemoração aos quarenta anos de aniversário da encíclica *Populorum Progressio* do papa Paulo VI, compondo assim o grande ensinamento da Igreja acerca da sua Doutrina Social. O pontífice quis escrevê-la ainda no intuito de explicitar o que é a verdadeira caridade, que supera o mero assistencialismo.

Ao tratar sobre a primeira encíclica ficou evidente o que o papa entende por caridade. Cabe aqui, então entender qual o seu relacionamento com a verdade, sobre a tamanha necessidade desta última. Sobre isso afirmou o papa

A verdade é luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é simultaneamente a luz da razão e da fé, através das quais a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade: identifica o seu significado de doação, acolhimento e comunhão. Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente (BENTO, PAPA, XVI, 2009, p.6).



É sempre necessário recordar esta mútua relação, que possui um interesse particular que é tornar o cristianismo capaz de dar respostas ao homem, nas suas mais variadas interrogações. A verdade liberta a caridade de todo subjetivismo, opiniões equivocadas e faz com que ela volte à sua essência, esse conjunto possibilita uma análise mais coerente do desenvolvimento humano.

A caridade na verdade é um princípio que ganha forma na ação moral e que ilumina o homem, tirando todas as ilusões do progresso e, concomitantemente, abre-o ao verdadeiro sentido. O progresso se assemelha ao desenvolvimento humano integral, que nada mais é do que a passagem das “condições menos humanas para as mais humanas” (BENTO XVI, 2009, p.12).

Essa visão integral do homem faz com que a Igreja proponha, em sua ação eclesial uma forma de crescimento que envolva o homem todo e todos os homens. Nesse aspecto, tanto a política quanto a economia são vistas sob uma nova perspectiva. É dada a elas nova configuração. A missão da Igreja neste campo é irrenunciável, cabe a ela orientar o homem sobre sua vocação.

A passagem das condições menos humanas para as condições mais humanas requer profunda sinergia entre as forças econômicas, para que não sejam expressões de interesses subjetivos em detrimento de outros. É preciso que sejam mais humanas e humanizadoras. A concepção do homem como ser de necessidades é fundamental, pois estas, satisfeitas hoje, ressurgem amanhã com novas exigências. Nessa perspectiva a Igreja, atenta a tais exigências, não deve permitir que elas superem o homem, escravizando-o. É necessário que haja um justo ordenamento para uma possível harmonia.

Cabe à Igreja iluminar, a partir do evangelho e do seu magistério a todas essas questões, pois, como afirma o pontífice

A Igreja não tem soluções técnicas para oferecer e não pretende de modo algum imiscuir-se na política dos Estados, mas tem uma missão ao serviço da verdade para cumprir, em todo o tempo e contingência, a favor de uma sociedade à medida do homem, da sua dignidade, da sua vocação (BENTO XVI, 2009, p. 14).

Essa expressão do papa, referida anteriormente, é fundamental, pois esclarece a real missão da Igreja e sua maneira de atuar. Então é sempre necessário repropor esse desenvolvimento integral, que não existe, se não contemplar todas as dimensões do ser

humano. Essa proposta radica-se no evangelho, que pede para que se faça o bem ao menor dos irmãos e também Jesus dá um programa de vida (Mt 25, 35-45).

A Igreja tem a peito o desenvolvimento humano. Ela, segundo Bento XVI (2009, p.96) “sente seu peso de responsabilidade pela criação”. E torna isso público, ao fazer seu apelo à economia, à política e também e não menos importante para a ecologia. É urgente propor uma forma de relacionamento da Igreja com o mundo, dialógica e não amistosa com verdadeira autonomia e sinceridade, que coloca a Igreja como aquela capaz de orientar o desenvolvimento à luz do evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eclesiologia é um estudo de fundamental importância pois toca de forma direta os temas sobre a Igreja e sua missão no mundo. É possível compreender, a partir de uma análise mais profunda, o que a Igreja é e deve ser no mundo, suas perspectivas e modo de agir. Este texto iniciou com esse objetivo e buscou aprofundar sobre a vida da Igreja.

O cardeal Joseph Ratzinger propõe à eclesiologia uma forma de entender a dinâmica da Igreja. Partindo do Vaticano II propõe e esclarece o papel da Igreja no mundo. A Igreja deve dialogar com todas as estruturas, crentes e não crentes, internas e externas.

A Igreja deve ser continuadora da missão de Jesus no mundo de hoje e sua relação com as pessoas. Só assim poderá oferecer bem a sua missão ao mundo de hoje e poderá orientar o ser humano nos seus anseios mais profundos na construção de um mundo novo.

ABSTRACT

Cardinal Ratzinger's ecclesiology brings an important contribution to modern thought and knowledge of the Church as God's people. Cardinal exposes his thinking in order to evidence the concept of the Church and its activities worldwide and he is aware to the question of what the Church is and should be in today's world and also how is possible to dialogue, at present, in a world of rapid changes and relativism. His thinking collaborates with more solid understanding of the position of the Church regarding itself, its interface and its operations, while that which guides man in the ways of the world.

Key-words: Ecclesiology. Church. Changes. Relation.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução da CNBB. 11. Ed. São Paulo: Paulus: CNBB, 2011.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico com um ensaio introdutório. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Messori, V. **A fé em crise?** O cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: Epu, 1985.

_____. **O novo Povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. **Compreender a Igreja hoje**: vocação para a comunhão. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BENTO, PAPA, XVI. **Caritas in Veritate**. 11. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Deus Caritas est**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Spe Salvi**. 7. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.